

Que é um texto? – A vida e o mundo nas tramas de sentido de um texto¹

Rui Josgrilberg²

Resumo: Procura-se responder à pergunta do título no âmbito da hermenêutica que trata da interpretação de textos escritos. O texto é visto como um pedaço dos muitos tecidos que compõem a existência humana entendida como uma esfera do sentido que se expressa em significações; o objetivo é mostrar como nossa vida de intérprete vem ontologicamente mediada por texto e narrativas. Este artigo é o segundo de um conjunto de três questões entrelaçadas em três textos perguntando no primeiro (I) “o que é hermenêutica?”, depois (II) “o que é um texto?” e por fim (III) “o que é um texto religioso?”, para responder à pergunta geral “o que é hermenêutica de textos religiosos?”

Palavras Chave: hermenêutica. texto. Paul Ricoeur. narrativa.

Abstract: We try to answer the title question in the context of present hermeneutics developments that deals with the interpretation of written texts. The text is seen as a piece interrelated with many tissues forming the human existence. Human existence is understood as a sphere of meaning which is expressed in signs and significations; we try also to present how our life of interpreter is ontologically mediated by text and narratives.

Keywords: hermeneutics. text. Paul Ricoeur. narrative.

1. O nosso modo de apropriar o sentido na linguagem

O mundo é um horizonte de sentido. As coisas são matéria com sentido e formam um primeiro trançado e a grande fonte de sentido; e as coisas aparecem com sentido na linguagem entrelaçando um significado com o outro.. A *apropriação* através da linguagem é uma espécie de recortes produzidos por signos e significações que formam um segundo trançado com eles. Um texto é um pedaço de tecido deste horizonte maior e projeta com ele o mundo de seu horizonte particular. Ricoeur fala do “mundo do texto” como esse horizonte projetivo de sentido como um recorte de mundo em perspectiva e que interpela o leitor: “Por mundo do texto, entendo o mundo desdobrado diante dele, por assim dizer, como horizonte da experiência possível no qual a obra desloca seus leitores. Por mundo do leitor, entendo o mundo efetivo em que a ação real é desenvolvida no meio de uma ‘rede de relações’, para empregar uma expressão de Hannah Arendt em *The Human Condition*.”³ O mundo do texto e o mundo do leitor confluem na leitura. Esta é uma das chaves compreensivas da hermenêutica. A linguagem apresenta uma “veemência ontológica” em recortar sentido no mundo e constituir um mundo (e mundos) do ser humano.

Que é um texto? Responder a essa pergunta requer postar-se diante de um texto como um retalho de tecido da trama da vida pessoal e da trama da humanidade. Um texto não se fecha, possui ligações com um todo e se prolonga em leituras. Texto é texto para o leitor. Podemos dizer que um texto é um micro pedaço de um tecido de fundo que forma o “grande discurso da humanidade”. Nós nos apropriamos de um discurso fazendo o texto passar por nós em nossa capacidade de ler e de tecer.

¹ Este texto é o segundo de três estudos do autor sobre o tema: articula-se, portanto com o anterior (nesta edição) e com o terceiro em RIH 40: <http://www.hottopos.com/rih40/index.htm>.

² Professor dos Programas de Mestrado e Doutorado em Educação e Ciências da Religião da Univ. Metodista de São Paulo.

³ Ricoeur, P., *A hermenêutica bíblica*, São Paulo, Loyola, 2006, p. 190.

As experiências podem tornar-se produtivas em iniciativas do sujeito quando são apropriadas pela linguagem narrativa. O processo de apropriação do sentido aqui é sinônimo de incluir a experiência na dinâmica de ser sujeito. A dialética entre texto e ação e ação e texto mediados pela linguagem mostram que o ser humano se desdobra obedecendo ao princípio de dialogicidade (Bakhtin).

Mas, devemos ser mais específicos ao falarmos de “texto”. De forma a mais direta possível, Ricoeur nos diz que “um texto é todo discurso fixado por escrito.”⁴ Um texto é um dos modos em que guardamos os arquivos de nossa humanidade tão necessários à nossa busca de sentido. O texto não só expressa sentidos determinados (em significados que são “termos”, isto é, determinações de sentido) como mantém vivo o rico potencial de sentido expresso que pode ser indefinidamente desdobrado. Nossos traços arqueológicos de sentido estão sedimentados em obras antigas de distintas culturas e em textos que preservamos para o prolongarmos até hoje e em nosso mundo através de estudo e interpretação. Um texto é confrontado na leitura com o que se encontra sedimentado em nossa memória como discurso latente ou, mais amplamente, o mundo do leitor.

Podemos, também, caracterizar um texto como um entrançamento de signos e significações que armazenam sentido em significados dentro de uma unidade. Etimologicamente a palavra texto remonta á ideia de tecido⁵. Um texto entrelaça frases, compõe um discurso. Ricoeur trata o texto, seguindo a E. Benveniste, como uma unidade discursiva composta por frases (expansão da linguística fonética ou de morfemas para uma linguística da frase). O próprio de uma narrativa ou de um relato (recitar, contar uma ação) ou um *dis*-curso (desvio do curso) é de revelar a trama do sentido que torna o tempo e a vida experiências entrançadas com as narrativas⁶.

Nós podemos entrar no movimento do texto e fazê-los novamente efetivos no processo de dar sentido à vida. A vida humana é vida interpretada. Como diz Ricoeur, uma vida além de um fenômeno biológico é uma vida que se interpreta.⁷ O texto não se fecha. É uma trama em processo de novos entrançamentos.

2. Leitura do texto e a ambiguidade da linguagem

Em vista dos novos entrançamentos possíveis Ricoeur propõe sua tese de que o processo de composição não termina com o texto propriamente dito, mas com o leitor que interpreta o texto.⁸ O sentido de uma narrativa não está dado na escritura em si. O sentido só aparece “na intersecção do mundo do texto com o mundo do leitor. O ato de ler passa a ser, assim, o momento crucial de toda análise. Sobre ele descansa a capacidade do relato de transfigurar a experiência do leitor.”⁹

A pergunta pelo texto suscita a pergunta pela leitura. A leitura não é um processo de reprodução do mesmo. Também não é apenas decodificação ou

⁴ Ricoeur, P., *Du texte à l'action, Essais d'herméneutique II* Paris, Du Seuil, 1986, p. 201-202.

⁵ Do latim *texo, texui, textum, texere* – tecer. Uma textura forma entrelaçamentos, composições, implica uma coisa com outra. Um texto contém diferenças, dobras, conjuntos, divisões, proporções, etc. Uma interpretação é uma espécie de desdobramento do texto, um prolongamento do texto com o horizonte do leitor.

⁶ Note-se que a etimologia de narrar vem da raiz indo-europeia GNA ou GNO que originou gnose e o verbo grego *noein*, conhecer; ignorar é o oposto de conhecer e de narrar (perda do g; *narrare* implica em conhecer).

⁷ Cf acima o texto Josgrilberg, R. “Que é hermenêutica?”.

⁸ “Mi tesis aquí es que el proceso de composición, de configuración, no se acaba en el texto, sino en el lector” (Ricoeur, “La vida: un relato en busca de narrador”, *ÁGORA — Papeles de Filosofía* —Univ. Santiago de Compostela, , 25/2, (2006), p. 15)

⁹ Ricoeur, “La vida: un relato en busca de narrador”, *ÁGORA — Papeles de Filosofía* — Univ. Santiago de Compostela, 25/2, (2006), p. 15).

decifração. A leitura envolve a imaginação criadora que nos faz ler recriando. A leitura é, pois, uma transcrição (Haroldo de Campos, referindo-se ao processo de traduzir poesia), recriar, caminhos e experiências pelo texto lido, tomando o mundo do texto como outra e diferente lente de ver/ler o mundo. "Ler o mundo" não é algo dado de imediato ou de modo imanente às coisas: toda leitura do mundo pressupõe narrativas ou leituras prévias. A linguagem e os discursos antecedem as leituras de mundo.¹⁰

A hermenêutica se desenvolve em torno da questão do sentido do texto. O texto não é a única preocupação hermenêutica; mas é o seu caminho privilegiado. Textos "são expressões fixas e permanentemente da vida" (Dilthey): o que é armazenado em um texto faz a mediação entre tempos, culturas e vidas. Um texto já é por si interpretação, *dis-cursos*. Discurso é um evento da linguagem. Um evento onto-semântico. O discurso provoca um exercício primitivo de deslocamento de sentido em significados. O discurso é um evento presente que se diversifica em gêneros, estilos, formas. Em cada uma dessas formas ele assume uma dialética diferenciadora de temporalidades. O discurso se ultrapassa como evento na significação onde o sentido flutua no texto. Todo texto possui alguma margem de ambiguidade e abertura de sentido e, por isso, provoca interpretações.

A hermenêutica só é possível onde há *mundos*, mundos enquanto ordens de sentido, que se interpenetram. Interpretar os mundos e a existência nos textos é a motivação hermenêutica mais vigorosa. Isso é possível mediante a *linguagem*, mas não tanto a linguagem dos linguistas, mas a linguagem vivida, captadora de sentido e inventora de sentido. A linguagem, dita de outro modo, é a transformação da materialidade vivida do sentido (fundo *hylético* do mundo vivido) em significações na dinâmica de um discurso. O sentido se move, e mesmo com a determinação de sentido no texto significado temos a possibilidade de inovação semântica que a leitura pode provocar. Os mundos se interpenetram como horizontes e a interpretação pode ser vista como uma fusão de horizontes (segundo a feliz expressão de Gadamer). Não só fusão de horizontes, mas na interpretação de Ricoeur *projetamos mundo(s)*. Segundo Ricoeur, os textos sedimentam mundos que o próprio texto abre não apenas como janelas, mas como caminhos.

Essa característica hermenêutica da linguagem é uma das dificuldades da fenomenologia. A intencionalidade da linguagem em relação à estrutura *eidética* da significação transposta em textos não fica isenta de interpretação. Nele encontramos o elemento alquímico do passado, estruturas, significações, mensagens, que fazem parte das transformações do sentido e de mundos que buscamos compreender. Nem mesmo um sentido "definido" pelo autor e manifesto deixa de apresentar possibilidades de interpretações diferentes.

A hermenêutica busca verificar, imaginar, recriar o sentido do texto a partir do texto, sem se contentar com a superfície, e fazendo um trabalho de fazer aparecer o significado além do sentido primeiro, i.e., recriando o(s) sentido(s) latente(s). Como o texto não se repete na interpretação¹¹, progressivamente nós nos apercebemos do caráter construtivo e inventivo da hermenêutica. A hermenêutica investiga o sentido em tal ou qual texto, transmitido pela história e é interpretado no âmbito de possibilidades que se oferecem.

¹⁰ Paulo Freire pressupõe a leitura do mundo como prévia ao ato de ler e aprender a ler. Mas, não é claro, em *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. (São Paulo: Cortez Editora/Autores Associados, 1982) na indicação dos discursos que antecedem a leitura e o aprendizado de leitura; a leitura não é direta. O que, aliás, deixa claro em outras obras.

¹¹ Não podemos repetir a experiência plenamente de modo empírico, muito menos repetir o texto na interpretação.

Há uma tendência de alguns gêneros de provocarem interpretações únicas e exclusivas. Isso só é possível por meio de interpretação com força de autoridade e de coerção (interpretação de textos religiosos em dogmas, textos jurídicos interpretados por um juiz, textos científicos avalizados pela comunidade científica, discursos ideológicos, etc.).

Nenhuma interpretação acontece sem pressuposições. Chegamos diante do texto com uma pré-compreensão que o recebe e acolhe em suas significações. O sentido “puro” ou “único” constitui-se numa abstração cuja utilidade se resume a fins pragmáticos ou lógicos. Concretamente, o uso da linguagem já é um uso interpretativo. O processo hermenêutico já está presente em quem fala ou em quem escreve. O texto que expressa o sagrado só tem sentido único por um processo violento de abstração e negação da compreensão interpretativa.

3. O trançamento na escrita e “o mundo do texto” como objetivação possível

O texto em vista daquilo que dá permanência cria a possibilidade de distanciamento, reduz a subjetividade permitindo ver o texto em sua autonomia que, especialmente no texto escrito, está no cerne da historicidade temporal da experiência humana.

A relação entre hermenêutica e temporalidade é essencial. A linguagem se desloca em diferentes modos e cria diferentes *relações com o tempo* e com um mundo que se dá em distintas perspectivas. Sem narrativa, sem consciência de tempo. A experiência do antes e do depois só encontra base de organização do tempo se passar pela experiência da linguagem e pela linguagem em forma narrativa. A narrativa desenvolve um enredo como trama temporal. Antes de experimentarmos o tempo como “fluir do tempo” experimentamos o tempo na materialidade vivida expressa em narrativa. A hermenêutica desenvolve relações temporais essenciais para o processo de interpretar.

A *escrita*, dá ao texto uma forma mais permanente e permite um distanciamento importante. Não identificamos texto e escrita, mas o texto tem sua melhor expressão na escrita. A escrita e a linguagem oral são diferentes modos de efetivação da linguagem.

A escrita, por exemplo, desloca o mundo do autor. O mundo dado na escrita não é mais o mundo do autor. É o mundo do texto. O texto referencia seu próprio mundo e não outro. A hermenêutica necessita descobrir o mundo que o texto escrito propõe. O texto exprime um mundo. É pela referência ao mundo do texto que se abre a possibilidade de objetividade em relação ao sentido que o texto propõe. A mente do autor nos escapa; e qualquer tentativa de reproduzi-la é puro subjetivismo. A objetividade da hermenêutica no diálogo entre mundos diferentemente só é possível no mundo que o texto mesmo encarna. Na ficção esse mundo é completamente metamorfoseado. Mesmo uma descrição histórica produz uma representação que já não é um mundo externo, mas o mundo do texto. “O “mundo do texto” é, pois, o objeto propriamente dito da hermenêutica, sendo a sua tarefa primeira deixar aflorar esse mundo que o texto mostra diante do leitor. E uma vez desdobrado diante do texto, ele apresenta-se como proposição de mundo que, ao entrar em contato com o mundo real, é refeito e reconfigurado.”¹² E ainda: “O que é dado para interpretar num texto é a

¹² Salles, Walter e Santos, Johnny, *O mundo do texto e a construção da identidade religiosa no islamismo*, in *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 40, n. 3, p. 358-377, set./dez. 2010

¹² «Ce qui est à interpréter dans un texte, c'est une proposition de monde, le projet d'un monde que je pourrais habiter et où je pourrais projeter mes possibles les plus propres.» Ricoeur, P., *Du texte à l'action*, Paris, Seuil, 1986, 115.

proposição de um mundo, o projeto de um mundo que eu poderia habitar e onde eu poderia projetar meus possíveis mais próprios.”¹³

O mundo do leitor entra na leitura do texto escrito para ler o mundo que o teto traz que não é mais o do autor. O texto escrito adquire a autonomia. É preciso reconhecer que quando “o espírito dos seres humanos estão nas obras.”¹⁴, há um distanciamento que concede ao texto uma grande, mas não absoluta, autonomia. O espírito não se reconhece no vazio. Ele se reconhece em obras que trazem sua marca. Nosso acesso ao ser humano acontece pela passagem às suas tessituras significativas das artes, técnicas, instituições, ações e, sobretudo, pelos textos em forma narrativa.

São essas obras que garantem a cadeia interpretativa do ser humano no tempo e na história.

O texto e a vida

A complexidade de um texto e suas relações com a vida é incomensurável. Texto é estrutura e articulação de sentido, mensagem controlada e um mundo confinado em frases, ao mesmo tempo que se mantém aberto. O texto não só pede leitura e interpretação. O texto provoca distanciamentos (autor, leitor) que exigem medidas e critérios de leitura, bem como a reflexão sobre tempos e espaços, mundos culturais que se cruzam, que despertam a consciência histórica. A distanciação é parte do método e da objetivação hermenêutica do sentido; e, desse modo, a distanciação é solidária da linguagem e de uma ”textualização da experiência” na escrita. A história que busca significações expressas no passado se faz com textos. Já os historiadores da época moderna reconheciam que sem textos não se faz história no sentido mais profundo do termo. Hoje isso já não é mais verdade, mas a importância do texto continua fundamental. História se faz com narrativas. A história necessita deixar a palavra escrita falar de novo. O sentido do texto não se confunde com a “intenção do autor”.

Todo texto tem uma estruturação própria enquanto texto, significações e mensagens que provocam interpretações por diferentes horizontes, mas sempre em diálogo com o horizonte do texto. Uma interpretação tem sempre algo de re-invenção do sentido e de re-presentação que nunca é simples reprodução. Assim como não é possível retroceder ao passado ou fazer o passado voltar até nós, não é possível à interpretação “re-produzir” o que está escrito “em outras palavras”. O passado só chega a nós por uma re-invenção, uma memória e uma mimese imaginativa que o re-presenta. Esse é o modo pelo qual o passado pode ser re-vivido: por reinventá-lo. Próprio da hermenêutica é o arbitramento entre interpretações existentes e possíveis e o diálogo que permite cruzar algumas leituras em torno de um único texto.

Ricoeur retoma por sua conta os conceitos aristotélicos, especialmente da *Poética*, de *mimesis*, de *mythós*, e de *catharsis* para o desenvolvimento de uma hermenêutica da narrativa em sua obra *Tempo e Narrativa*.

Mimese é vista essencialmente como uma imitação criadora e não apenas repetidora. A mimese é colocada no centro da elaboração da narrativa e de sua leitura. Ele divide a mimese em três tipos de relações temporais que aqui tratamos resumidamente:

A vida antes do texto:

- a) **Mimese 1**, ou de prefiguração: a mimese de prefiguração mostra a pré-compreensão ou o mundo vivido no qual se encaixa o texto do autor. Visa

¹⁴ Meyerson, I., *Les fonctions psychologiques et les oeuvres*, Paris, Vrin, 1948, p.9.

mostrar que antes do texto já existe vida e entrançamentos narrativos e mesmo a pré-compreensão no qual a tessitura ou a trama da nova narrativa se encaixa. Língua, condições formais da língua, gêneros, situação cultural e social, época, etc. Ninguém trabalha um tecido de significados num vácuo de significados. Mas, a mimese I ressalta, sobretudo, a moldura que a narrativa mesma carrega e que é necessária para a consecução e para a compreensão da narrativa. A hermenêutica precisa ficar atenta a essa moldura do texto e as condições de sua gênese no mundo prévio de onde surgiu a narrativa. Por exemplo, um gênero ou um estilo narrativo prévio é, em geral, uma forma que o autor utiliza consciente ou inconscientemente; trata-se de estruturas prévias de produção e compreensão de significados;

A vida no texto:

- b) **Mimese 2**, ou de configuração: é o texto que manifesta seu “mundo” ou seu horizonte no qual a vida é significada no discurso narrativo. A narrativa transpõe a ação em palavras. A trama ou a intriga se mostra como uma mimese imaginativa de alguma forma de ação ou das condições da ação. Vida e texto aparecem como dois modos de relação comprometidos um com o outro na manifestação do sentido trançado em significados, essencial para a vida humana. Ganha especial relevância a configuração temporal da vida num complexo de “antes” com um complexo de “depois”. A hermenêutica visa o texto como sentido trançado na narrativa e como portador de mensagens;

O texto na vida:

- c) **Mimese 3**, ou de refiguração: trata do resultado da fusão de horizontes e do mundo do texto com o mundo do leitor implicando em uma alteração no horizonte de mundo de ambas perspectivas. A narrativa re-significa o que é pré-significado no mundo da ação humana; A hermenêutica transcria o sentido em um novo contexto. A hermenêutica da mimese III aborda a mudança ou o efeito da narrativa na mudança de sentido do mundo e da vida.

4. Identidade narrativa

Na vida experimentamos os jogos de si mesmo com os outros que formam tessituras narrativas que nos dão o sentido de identidade conosco mesmo em nossa história. Ricoeur chamou essa forma de ver a identidade como *identidade narrativa*. A nossa identidade não apenas formal (identidade *ipse*, nossa tarefa, diferenciada da identidade *idem*, que nos identifica sem nossa narrativa identitária) é uma identidade tecida com os outros. Não uma substância ou marcas biológicas. Ipse se faz com a historialidade de si, fazendo um caminho que se narra, com a narração tácita de si ou por narrativa explícita. O sujeito se reconhece numa trama que se vai fazendo. Personagens que são vividas e revividas, mesmo as que aparentemente nada têm a ver conosco: teatralidade, jogos de si mesmo com os outros, mimese criativa de personalidades imaginárias (hoje se diz, em linguagem imprópria “avatars”) etc.

Nossa existência respira sentido. Começamos a existir na busca ontológica de sentido. Esse ingresso é um modo de jogo da vida, um jogo de sentido, que se desdobra em jogos de si mesmo com os outros e jogos de meu mundo como leitor com outros mundos possíveis. “Como leitor, escreve Ricoeur, encontro-me no perder-me.

A leitura me introduz nas variações imaginativas do ego. A metamorfose do mundo, segundo o jogo, é também a metamorfose lúdica do ego.”¹⁵ O outro é essencial para nossa identidade narrativa, assim como outros mundos possíveis são essenciais para nosso sentido de mundo. Somos participantes de jogos de si mesmo e jogos de mundos. A mediação é a linguagem narrativa.¹⁶

A compreensão de um texto está comprometida com a compreensão de si. Nas palavras de Paul Ricoeur, interpretar é “*decifrar a vida no espelho do texto.*”¹⁷ A nossa vida é tratada como um modo de textualização. Textualização que se sedimenta narrativamente. Estamos constantemente narrando nossa vida de modo que construímos uma narrativa tácita que pode ser transformada em narrativa expressa, como exemplo, a autobiografia. “É evidente, escreve Ricoeur, que nossa vida abarcada em uma única visada, nos aparece como o campo de uma atividade construtiva, derivada da inteligência narrativa, pela qual procuramos encontrar, e não simplesmente impor de fora, *a identidade narrativa que nos constitui.* Insisto nessa expressão de *identidade narrativa* porque o que chamamos de subjetividade não é nem uma série incoerente de acontecimentos, nem uma substância imutável não sujeita ao devir. Esta é precisamente o tipo de identidade que somente a composição narrativa pode criar graças ao seu dinamismo.”¹⁸ Sonhamos narrativamente, sentimos e duvidamos narrativamente, fazemos projetos, odiamos e amamos por meio de narrações que fazemos conosco mesmos. Conhecemo-nos por narrarmos a nós mesmos nas relações com os outros.

Temos que considerar, inclusive a ação humana, como um derivado narrativo do nosso modo de ser. A ação como texto depende de textos sedimentados que nos orientam no mundo. Ficção, imaginação, sonhos, são formas prefiguradas de ação que sedimentam orientação para vida. Estas observações também valem para instituições cuja identidade autêntica é mais uma história que um documento de identidade social. Nossa pertença e identidade social com uma instituição (uma confissão religiosa, por ex.) vêm com uma história, não por uma declaração.

5. A autonomia do texto

Ficou conhecida a expressão radical de Ricoeur de que “ler um livro é considerar seu autor como já morto e o livro como póstumo.”¹⁹ Essa frase deve ser compreendida no seio da luta contra o subjetivismo na hermenêutica. Trata-se de dar à “coisa do texto” o primeiro lugar. A autonomia do texto não é absoluta, mas é decisiva. Não podemos em muitos casos, excluir plenamente, nem o contexto (parte da pré-compreensão da mimese 1) nem o conhecimento paralelo de personagens referidos num texto, nem as explicações ou informações que podem situar melhor o autor. Entretanto, a subjetividade do autor não está mais ao nosso alcance. O que emerge de modo a ser objetivado é o sentido do texto e isto exige fidelidade a ele. A interpretação é controlada pelo texto. Ressaltar o sentido de um texto nos obriga também a levar em consideração os muitos modos referenciais do texto para compreendê-lo melhor. O texto é primeiramente o texto definido da obra; a história de um texto não é só a história do texto, mas a história do texto e suas interpretações.

¹⁵ Ricoeur, P., *Du texte à l'action Essais d'herméneutique II*, Paris, Du Seuil, , 1986, p. 117.

¹⁶ A linguagem narrativa não é o único gênero literário, mas numa perspectiva genética podemos reconhecer na narratividade o gênero mãe de todos os outros gêneros literários.

¹⁷ Ricoeur, P., *Du texte à l'action. Essais d'herméneutique II*, Paris, Seuil, 1986, 116.

¹⁸ Ricoeur, “La vida: un relato en busca de narrador”, *ÁGORA — Papeles de Filosofía*, Univ. Santiago de Compostela., 2006), 25/2,

¹⁹ Ricoeur, P., *Du texte à l'action. Essais d'hermeneutique II*, Paris, Seuil, 1986, 139.

É o texto que fala do autor e não o autor que fala no texto: esse é um princípio hermenêutico. Mundo do texto é o mundo estruturado num tecido e como tecido que adquire autonomia o que permite ao leitor uma visão que difere de sua pré-compreensão. O texto adquire um horizonte que lhe é próprio. Esse mundo-horizonte do texto se descola do horizonte do autor e a leitura pede fidelidade á autonomia deste mundo tecido e escrito. “Um horizonte de experiência possível, um mundo no qual seria possível habitar”, escreve Ricoeur.²⁰

A interpretação tem um efeito na vida do leitor que interpreta o texto e a si mesmo. Essa efetuação abre as portas para a ação. A ação também é vista como texto (narratividade da ação), um quase texto modificado pela leitura que se faz realidade. O texto perde neutralidade ética e se abre para a ação como sentido. “Desta forma, o simbolismo confere à ação uma primeira *legibilidade*. Torna a ação um quase-texto para o qual os símbolos proporcionam as regras de significação em função das quais tal comportamento se pode interpretar.”²¹ Aí já estamos na esfera de uma “semântica da ação”.²²

Bibliografia

Ricoeur, P., *A hermenêutica bíblica*, São Paulo, Loyola, 2006.

Ricoeur, P., *Du texte à l'action, Essais d'herméneutique II* Paris, Du Seuil, 1986.

Ricoeur, “La vida: un relato en busca de narrador”, *ÁGORA — Papeles de Filosofía* — Univ. Santiago de Compostela, , 25/2, 2006.

Ricoeur, P., *Du texte à l'action, Paris*, Seuil, 1986.

Freire, P., *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*, São Paulo, Cortez Editora/Autores Associados, 1982.

Salles , Walter e Santos, Johnny, *O mundo do texto e a construção da identidade religiosa no islamismo*, in *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 40, n. 3, 2010.

Meyerson, I., *Les fonctions psychologiques et les oeuvres*, Paris, Vrin, 1948.

Recebido para publicação em 07-08-16; aceito em 13-09-16

²⁰ Ricoeur, “La vida: un relato en busca de narrador”, *ÁGORA — Papeles de Filosofía* — Univ. Santiago de Compostela., 25/2, 2006, p. 15. O texto e a mediação entre eu e o outro: eu me encontro na mediação, isto é, pelo outro que me abre a possibilidade de ser. O intérprete tem que praticar uma espécie de doação de si (entrar no jogo reconhecendo a autonomia do texto: um texto se descola do autor como a ação se descola do sujeito para entrarem numa esfera de interpretação que já não pertence a quem os produziu) diante do texto e do outro para melhor apreender e compreender o sentido. “El análisis del texto debería entonces atenerse al límite del texto y prohibirse toda salida fuera del texto.” (Ricoeur, id., *ibidem*). Ricoeur tem horror à busca da “intenção perdida do autor”. Interpretar é “*todo contrario da contemporaneidade e congenialidade; ela é compreensão pela distância e compreensão na distância*” (*Du texte a l'action. Essais d'hermeneutique II, Paris, Seuil, 1986, 53*). “Por último, es el *acto de lectura* el que acaba la obra, que lo transforma en una *guía* de lectura, con sus zonas de indeterminación, su riqueza latente de interpretación, su poder de ser reinterpretado de manera siempre nueva en contextos históricos siempre nuevos.” (Ricoeur, “La vida: un relato en busca de narrador”, *ÁGORA — Papeles de Filosofía* — Univ. Santiago de Compostela, (2006), 25/2, p. 16)

²¹ Ricoeur, “La vida: un relato en busca de narrador”, *ÁGORA — Papeles de Filosofía* — Univ. Santiago de Compostela, 2006, 25/2, p. 18.

²² Cf. Ricoeur, P., *O discurso da ação*, Lisboa, Edições 70, 1988.